
O USO DAS FERRAMENTAS SOCIOLÓGICAS DE PIERRE BOURDIEU PARA A PESQUISA DA HISTÓRIA INTELLECTUAL DA EDUCAÇÃO

João Paulo de Souza da Silva

(Universidade Federal do Paraná – UFPR)

Resumo: O artigo pretende apresentar a teoria praxiológica de Bourdieu, que associa campo, *habitus* e capital, resultando numa determinada prática e que propõe uma análise do mundo social que rompe com a abordagem da fenomenologia e do objetivismo, como ferramenta heurística para estudos na seara de trajetórias na História Intelectual da Educação. Nos estudos que tratam de trajetórias, o *habitus* se torna uma categoria de análise fundamental, ao se referir não só ao indivíduo, mas também a um grupo ou a uma classe que o representa. A noção de campo suporta o de *habitus* e constitui-se noutra ferramenta importante. No campo há a distribuição de um capital específico (econômico, social-cultural ou simbólico) que determina a posição do agente. Entende-se por campo o espaço social de relações no qual são estabelecidos/impostos os critérios de nomeação, de classificação e de distinção social. Dessa forma, os agentes do campo orientam suas estratégias investindo em práticas que possam contribuir para o acúmulo de um determinado capital. Assim busca-se tornar compreensível uma existência singular, mais que a construção de exemplaridades destinadas a encarnar verdades. A pesquisa de intelectuais, portanto, não é a narrativa de um percurso individual estudado por si mesmo, mas um questionamento sobre o que tornou possível e pensável a trajetória em análise num dado contexto que é necessário reconstruir.

Palavras-chave: História da Educação. Intelectuais. Bourdieu

THE USE OF PIERRE BOURDIEU'S SOCIOLOGICAL TOOLS FOR THE STUDY OF THE INTELLECTUAL HISTORY OF EDUCATION

Abstract: The article aims to present Bourdieu's praxeological theory, which associates field, habitus and capital, resulting in a certain practice and that proposes an analysis of the social world that breaks from the phenomenology and objectivism approach, as a heuristic tool for studies within the realm of trajectories in the Intellectual History of Education. In studies dealing with trajectories, the habitus becomes an essential category of analysis, by referring not only to the individual, but also to a group or a class that represents him/her. The notion of field supports the notion of habitus and constitutes another important tool. Within the field there is the distribution of a specific capital (economic, social-cultural or symbolic) that determines the agent's position. The field is understood as the social space for relationships where the nomination, classification and social distinction criteria are established and/or imposed. Thus, the field agents guide their strategies investing in practices that may contribute to the accumulation of a certain capital. Thus, we seek to make a singular existence understandable, more than the construction of

examples to embody truths. The study of intellectuals therefore, is not the narrative of an individual path studied per se, but a questioning about what has made the trajectory under analysis possible and thinkable in a given context that must be rebuilt.

Keywords: History of Education; Intellectuals; Bourdieu

Intelectuais: um conceito em construção

Aos intelectuais estariam então reservadas duas tarefas importantes, que nada devem a missões proféticas ou a demagogias. Por um lado, capacitam-se enquanto peritos que buscam atuar em áreas delimitadas. Por outro, podem sugerir possibilidades, descortinando novos horizontes; e, de modo a racionalizar desejos e necessidades, ajudar a dar forma a aspirações coletivas de camadas mais amplas da população. (DOMINGUES, 2003, p.110)

A noção de intelectual tem um caráter, polissêmico. Toda tentativa de definição desse conceito, cuja acepção se modifica segundo a própria evolução da sociedade, parece problemática. Assim, as diferentes épocas fornecem modelos distintos de representação do intelectual (SILVA, 2002, p. 14). Podemos chamar de intelectuais, de maneira genérica, a um “conjunto de sujeitos específicos, considerados como criadores, portadores, transmissores de ideias” (BOBBIO, 1997, p. 109). Para o autor,

[...] os intelectuais sempre existiram, pois sempre existiu, em todas as sociedades, ao lado do poder econômico e do poder político, o poder ideológico, que se exerce não sobre os corpos como o poder político, jamais separado do poder militar, não sobre a posse de bens materiais, dos quais se necessita para viver e sobreviver, como o poder econômico, mas sobre as mentes pela produção e transmissão de ideias, de símbolos, de visões de mundo, de ensinamentos práticos, mediante o uso da palavra (o poder ideológico é extremamente dependente da natureza do homem como animal falante). [...] (BOBBIO, 1997, p.11)

Este trabalho propõe a análise de trajetórias intelectuais, especialmente na história da educação, a partir dos conceitos de campo, *habitus*, capital, trajetória, sentido do jogo, poder simbólico e estratégia, de Pierre Bourdieu.

Tais conceitos podem auxiliar os historiadores da educação, na percepção de opções teóricas e conceituais e as influências de outros intelectuais, afinal a investigação das ideias, das trajetórias e, sobretudo, do papel social assumido pelos intelectuais tem sido conduzida de maneira a estabelecer a relação entre os agentes, as correntes de pensamentos e o seu meio social (VIEIRA, 2007, p. 379).

Isso porque o intelectual isolado não existe. Ser um intelectual é pertencer conscientemente e de alguma maneira à coletividade de seus pares, posto que os intelectuais constituem grupos de características delimitadas que se reconhecem entre si, e quando pretendem dirigir-se ao público (BOBBIO, 1997, p. 81).

A análise dessas relações é condição de avaliação da superfície social, uma vez que os acontecimentos biográficos definem-se como colocações e deslocamentos no espaço social (BOURDIEU, 2011, p. 189-190).

A partir do cotejamento da literatura, observamos que a noção de intelectual não tem uma definição unívoca. Ao longo da história, diferentes ações imprimem significados diversos ao termo intelectual, resultando em significados variados expressos em diferentes épocas.

A investigação do papel dos intelectuais nos processos sociais, referenciando-se em Pierre Bourdieu, considera intelectual aquele que detém o monopólio do discurso sobre o mundo social. De acordo com o autor,

Os produtores culturais detêm um poder específico, o poder propriamente simbólico de fazer com que se veja e se acredite, de trazer à luz, ao estado explícito, objetivado, experiências mais ou menos confusas, fluidas, não formuladas, e até não formuláveis, do mundo natural e do mundo social, e, por essa via, de fazê-las existir. (BOURDIEU, 2004a, 176).

O intelectual torna-se, então, um dos principais responsáveis por traduzir em termos teóricos e, sobretudo, nos marcos de ação política, os objetivos almejados pelos diferentes grupos sociais que disputam o espaço de um mesmo campo e o monopólio da autoridade específica do mesmo. Dessa forma, os discursos e práticas desses agentes revelam os vários aspectos que engendram lutas pelo domínio

da produção de bens simbólicos e, assim, fornecem subterfúgios para uma análise historiográfica (BOURDIEU, 1983, p.52)

A noção de campo serve para designar espaço relativamente autônomo, microcosmo dotado de leis próprias. Se, como o macrocosmo, é dotado submetido a leis sociais, essas não são as mesmas. Embora não escape às imposições do macrocosmo, dispõe de uma autonomia parcial mais ou menos acentuada. Assim, os universos que podem ser denominados campo literário, artístico, jurídico ou científico, são aqueles nos quais estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência (BOURDIEU, 2004b, p. 20-21).

Como ponto metodológico, para delimitarmos a compreensão de intelectual, tomamos como referência a noção de campo intelectual, definida como um campo social como outro qualquer, em que existem lutas, estratégias e interesses, possuindo, obviamente, formas específicas. O campo intelectual está conexo a um campo político específico. Neste campo político, os sistemas de relações definem o estado do campo intelectual, através da formação de um sistema de posições estéticas e políticas dos intelectuais, estabelecidas a partir dos indivíduos e dos grupos e, reunidas num sistema de tomadas de posição concorrentes (BOURDIEU, 2011).

As contribuições de Bourdieu para uma história intelectual da educação

Segundo Pierre Bourdieu, o espírito de família, alicerçado pelo capital culturalⁱ herdado e pelo *habitus*, tende a definir o campo da produção cultural, operando numa lógica de reprodução e distribuição do capital cultural. Bourdieu (2011, p. 191) denomina de *habitus*

[...] um sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes.

Assim, desnaturaliza-se a imagem do intelectual como indivíduo dotado de características especiais que justificam sua condição, mas apresenta a construção do intelectual como uma resultante das combinações entre herança familiar (cultural e econômica) e suas disposições.

Para Bourdieu, o capital cultural aparece como conjunto de prioridades adquiridas pelos indivíduos e que se consubstanciam por um estado incorporado – como disposições duráveis do organismo, um trabalho do indivíduo sobre si mesmo, como um ‘cultivar-se’ que traduz o tempo investido na aquisição de modos potenciais de ação. Já o estado objetivado do capital cultural refere-se a um certo número de prioridades definidas apenas em relação ao capital incorporado e que podem associar-se aos suportes materiais (escritos e quadros, por exemplo). Entretanto, mesmo sendo transmissíveis como o capital econômico, na verdade dependem do capital cultural incorporado para que possam ser desfrutados. Já a noção de *habitus* seria equivalente a um

[...] conjunto de esquemas implantados desde a primeira educação familiar, e constantemente repostos e reatualizados ao longo da trajetória social restante, que demarcam os limites à consciência possível de ser mobilizada (BOURDIEU, 2011, p. XLII).

A partir de elementos dispostos no *habitus* de cada um, há uma ‘comunicação de consciências’, quando os grupos compartilham das inúmeras competências que perfazem seu capital cultural, como uma espécie de princípio que rege as trajetórias possíveis e potenciais das práticas (BOURDIEU, 2011, p. XLII).

Sendo o *habitus* uma matriz das percepções, apreciações e ações do indivíduo, também lhe é conferido o poder de gerar as práticas. Nas palavras de Bourdieu (2011, p. XL), enquanto o “*habitus* completa o movimento de interiorização das estruturas exteriores, a prática revela os sistemas de disposições incorporadas”. Contudo, como nos alerta o autor, a análise de um *habitus* não se restringe apenas às práticas dos grupos e seus discursos, mas incide sobre as condições materiais de sua existência (BOURDIEU, 2011, XLVIII). O conceito de *habitus* leva ainda à elucidação daquilo que comumente se denominam por ‘escolhas’ ou mesmo ‘vocação’ e que se constituem enquanto um

[...] sistema de disposições inconscientes que constitui o produto da interiorização das estruturas objetivas e que, enquanto lugar geométrico dos determinismos objetivos e de uma determinação, do futuro objetivo e das esperanças subjetivas, tende a produzir práticas e, por esta via, carreiras obviamente ajustadas às estruturas objetivas. (BOURDIEU, 2011, p.201.)

A proximidade dos *habitus* predispõe à aproximação: as pessoas inscritas em um setor restrito do espaço serão ao

mesmo tempo mais próximas (por suas propriedades e suas disposições, seus gostos) e mais inclinadas a se aproximar; e, também, mais fáceis de abordar, de mobilizar (BOURDIEU, 1996b, p. 25). Assim, levamos em conta a afirmação acerca da análise do campo intelectual que, segundo Bourdieu (2011, p.190.), “[...] é determinado em sua estrutura e em sua função pela posição que ocupa no interior do campo do poder”, derivando assim de um ‘sistema de posições predeterminadas’”.

As práticas dos indivíduos, por sua vez, estão diretamente relacionadas a um discurso específico, uma vez que este deve assegurar o domínio simbólico dos princípios que regem aquelas. (BOURDIEU, 2011, XLIII). O discurso é o instrumento de expressão e transformação da prática política e é através dessa relação entre discurso/prática que se chega à compreensão de um determinado *habitus*.

Tais práticas e ideologias, geradas ‘por um princípio gerador e unificador’, justamente porque constituídas por estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o cerne do que Bourdieu trata enquanto trajetória, que ao serem ‘determinadas no interior de um campo intelectual’, tendem a revelar a ‘posição determinada na estrutura da classe dominante’, ou interesses e mesmo conflitos entre as ‘frações de classe dominante’, revelando assim o entorno e a constituição dos capitais geradores de relações sociais.

O capital cultural, segundo Bourdieu, pode apresentar-se sob três formas: incorporado, objetivado e institucionalizado. Como o capital cultural pressupõe um processo de interiorização do processo de ensino e aprendizagem, exige, necessariamente, um investimento de tempo. Desse modo, o capital cultural incorporado constitui-se parte integrante da pessoa, não podendo, justamente por isso, ser trocado instantaneamente, tendo em vista que está vinculado à singularidade até mesmo biológica do indivíduo. Nesse sentido, está sujeito a uma transmissão hereditária que se produz sempre de forma quase imperceptível. Segundo Bourdieu (1997, p. 86),

A acumulação de capital cultural desde a mais tenra infância – pressuposto de uma apropriação rápida e sem esforço de todo tipo de capacidades úteis – só ocorre sem demora ou perda de tempo, naquelas famílias possuidoras de um capital cultural tão sólido que fazem com que todo o período de socialização seja, ao mesmo tempo, acumulação. Por consequência, a transmissão do capital cultural é, sem dúvida, a mais dissimulada forma de transmissão hereditária de capital.

Por outro lado, o capital cultural objetivado é materialmente transferível a partir de um suporte físico, tratando-se da transferência de bens, e está diretamente relacionada com o capital cultural incorporado, ou seja, com as capacidades culturais que permitem o desfrute de bens culturais. Logo, o capital cultural objetivado pode ser apropriado tanto materialmente (capital econômico) quanto simbolicamente (livros, obra de arte, etc.).

Por fim, o capital cultural institucionalizado corresponde à herança cultural garantida pelo título escolar, bem como à autoridade e legitimidade dela decorrentes. Historicamente vinculada ao Estado, a ‘nobreza togada’, assenta seu status instituindo-se e nomeando-se juridicamente, acabando por constituir-se numa ‘verdadeira nobreza de Estado’ (BOURDIEU, 1996b). Por meio do título escolar ou acadêmico, outorga-se reconhecimento institucional ao capital cultural possuído por uma determinada pessoa.

Isso porque o capital cultural institucionalizado, como por exemplo, os diplomas, atuam como certidões de competência cultural, conferindo aos seus portadores um valor constante, convencionado e garantido com relação à cultura. Esse certificado é como um reconhecimento institucional do capital cultural do indivíduo e permite que se estabeleçam valores para seus detentores que podem ser trocados no mercado de trabalho.

Essa forma de capital é encontrada em abundância dentro do campo intelectual, correspondendo à ‘moeda de troca’ dos integrantes desse grupo em suas relações sociais. Assim, o que transparece nos discursos dos intelectuais é aquilo que Bourdieu denominou como linguagem autorizada correspondente às ‘condições sociais da eficácia do discurso ritual’, em que:

[...] o poder das palavras é apenas o poder delegado do porta-voz cujas palavras (quer dizer, de maneira indissociável, a matéria de seu discurso e sua maneira de falar) constituem no máximo um testemunho, um testemunho entre outros da garantia de delegação do que ele está investido. (BOURDIEU, 1996a, p. 87.)

Bourdieu sublinhou os mecanismos de reprodução social, apoiado em uma análise das relações entre dominação econômica, política e cultural; entre estruturas mentais/simbólicas e estruturas sociais, investindo em uma leitura das relações de poder que supera, a um só tempo, a tese da determinação estrutural e a tese culturalista da

imposição ideológica, visando construir uma teoria das relações entre estrutura econômica e bens simbólicos, demonstrando como as imposições estruturais agem em espaços considerados imunes ao seu poder, tais como o campo da ciência, da arte e da educação. Essa teoria relacional do mundo social analisou os processos de comunicação, pois estes evidenciam as formas de imposição e de subordinação derivadas do poder material e simbólico dos enunciadores.

Os intelectuais são representados nesse quadro analítico como produtores de capital simbólico, expressando os interesses das classes dominantes e aqueles próprios dos cultos que lutam pelo monopólio da produção do capital simbólico. Os intelectuais, inclusive aqueles vinculados aos partidos da esquerda tradicional, foram analisados e duramente criticados por Bourdieu. A crítica às posições do *homo academicus* escapa à ideia de conspiração das elites cultas contra o povo, mas apresenta o processo de formação dos detentores de capital cultural no âmbito da lógica do campo intelectual internalizando esquemas de percepção que naturalizam as hierarquias e as relações de poder, transfigurando-as e, por consequência, justificando-as em nome da tradição, da razão e do mérito (VIEIRA, 2008, p. 78-79),

As categorias desenvolvidas por Bourdieu nem sempre podem ser aplicadas como ferramentas heurísticas sem uma adaptação/crítica prévia, especialmente com relação aos estudos em História da Educação. Isso porque, dos três principais conceitos bourdieusianos (*habitus*, capitais e campo), o conceito de campo, além de sociológico, envolve um caráter histórico uma vez que é fruto da codificação de práticas e relações que levam a um grau de autonomia específica dentro de um determinado grupo social. Sendo que uma das manifestações mais visíveis da autonomia do campo é a sua capacidade de refratar, retraduzindo, sob uma forma específica, as pressões ou as demandas externas para as quais quanto mais autonomia no campo, maior será o poder de refração e mais as imposições externas serão transfiguradas, a ponto de, frequentemente, tornarem-se irreconhecíveis. Desse modo, quando nos referimos ao campo educacional, muitas vezes podemos tratar de um campo que não obedece aos preceitos bourdieusianos, mas, sim, do espaço social ocupado pelos educadores e pensadores da educação no que se constituía à época um campo (em termos bourdieusianos) em formação. Em última instância, no caso específico da História da Educação no Brasil, podemos até nos perguntar acerca da existência ou não de um campo

educacional no Brasil, uma vez que a seara educacional encontra-se extremamente sujeita às injunções de caráter político, podendo ser observada muitas vezes como um apêndice do campo político.

Considerações

Um dos objetivos centrais da história dos intelectuais está no investimento de desenclausurar os intelectuais das suas obras de pensamento, tornando possível pensá-los no que concerne às suas ações políticas na ágora moderna. Desse modo, os textos filosóficos, científicos e literários ganham sentido como fonte ou como acontecimento, quando encerram significados políticos específicos.

Reassociar as ideias aos seus contextos de produção e de recepção é condição para construir uma história intelectual articulada à história das linguagens, das profissões ligadas à esfera cultural, das formas de transmissão da cultura e dos meios e dos lugares de difusão do conhecimento (VIEIRA, 2008, p. 80).

Uma das principais características do instrumental teórico desenvolvido por Bourdieu é o fato de este ter deixado como herança uma obra aberta que enreda um pensamento em movimento não linear, presente nas revisões e retomadas sucessivas dos núcleos e questões de sua abordagem sociológica reflexiva e responsável pelo formato semântico e sintático de suas produções (MEDEIROS, 2007, p. 7). Isso, devido ao fato que Bourdieu estava convencido de que deveria fornecer, a todos aqueles que quisessem os meios para verificar, por eles mesmos, em suas situações particulares de pesquisa e em suas experiências sociais pessoais, maneiras de compreender o que ele construía teoricamente e que emergia de suas incursões na prática (MEDEIROS, 2007, p. 88).

Desse modo, entendemos que as contribuições de Pierre Bourdieu colaboram tanto no sentido de compreender a formação dos intelectuais, as suas interrelações, bem como compreender as escolhas realizadas, seja na condição do intelectual autor (entendendo como tal, o que se notabiliza pela produção de textos que exercem influência no seu campo), como na condição de intelectual ator (aqueles que, embora não desenvolvam atividade de produção intelectual, ou o façam de modo mais restrito, notabilizam-se especialmente na organização do campo e em ações práticas). Tal ferramental teórico possibilita perceber as conversões

realizadas entre os diferentes capitais (econômico, político, cultural, simbólico), dentro das trajetórias dos agentes em estudo, como também as escolhas aparentemente incoerentes, mas que possam embutir no seu âmago disposições inconscientes na forma do que Bourdieu denominou *habitus*.

Referências

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; PASWUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Trad. Luis Guerreiro Pinto Cacaís, Joao Ferreira, Gaetano lo Monaco, Renzo Dini e Carmem C. Varrialle. Brasília: UNB, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: O que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1996a.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas. Sobre a Teoria da Ação*. 3. ed. Campinas-SP: Papirus, 1996b.

BOURDIEU, Pierre. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. Trad. Aparecida Joly Gouveia. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). *Pierre Bourdieu: escritos de educação*, p. 39-64. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004a.

BOURDIEU, Pierre. *Os Usos sociais da ciência. Por uma sociologia clínica do campo científico*. Trad. Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora da UNESP, 2004b.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janáina (orgs.), *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

BOURDIEU, Pierre. CHARTIER, Roger. *O sociólogo e o historiador*. Trad. João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DOMINGUES, José Maurício. *Do Ocidente à modernidade: intelectuais e mudança social*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de. *A teoria sociológica de Pierre Bourdieu na produção discente dos Programas de Pós-Graduação em Educação no Brasil (1965-2004)*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2007.

SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas*. Campinas, SP: Papirus, 2002.

VIEIRA, Carlos Eduardo (org.). *Intelectuais, Educação e Modernidade no Paraná (1886-1964)*. Curitiba: Editora da UFPR, 2007.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelligentsia e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a História Intelectual. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 1, p. 63-85, 2008.

NOTAS:

ⁱ Bourdieu afirma que a família transmite a seus filhos um conjunto de bens que permite a conservação de uma boa posição social por estes descendentes, tornando possível sua inserção nos grupos sociais de maior prestígio e poder, ao longo do tempo histórico. Há, portanto, uma herança passada de geração em geração, que permite manter a estabilidade social da família diante das mudanças sócio históricas. Essa herança constitui-se dos capitais econômico, escolar, social e, dentre estes, do capital cultural. I Desse modo as crianças oriundas dos meios mais favorecidos não devem ao seu meio somente os hábitos e treinamento diretamente utilizáveis nas tarefas escolares, e a vantagem mais importante não é aquela que retiram da ajuda direta que seus pais lhes possam dar. Elas herdaram também saberes (e um "savior-faire"), gostos e um "bom gosto". [...] Como o deciframento de uma obra da cultura [...] supõe o conhecimento do código segundo o qual ela está codificada, pode-se considerar que os fenômenos de difusão cultural são um caso particular da teoria da comunicação. Mas o domínio do código só pode ser adquirido mediante o preço de uma aprendizagem metódica e organizada por uma instituição expressamente ordenada para esse fim. (BOURDIEU, 1998, p. 45-63)

Sobre o autor:

João Paulo de Souza da Silva é Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2013), doutorando no Programa de educação da Universidade Federal do Paraná. Possui graduação em Pedagogia (2010) e mestrado em Educação (2013), todos na mesma instituição, e formação em Direito pela Universidade Católica de Santos (2003). É membro do grupo de pesquisa História Intelectual e Educação (GPHIE).

Recebido em: 08/10/2014

Aceito para publicação em: 03/03/2015